

28, 29 e 30
de Outubro



XVI SENPEX

Inclusão e Diversidade Científica:
Democratizando o Conhecimento

DETECÇÃO DO HPV E PREVENÇÃO CONTRA O CÂNCER DO COLO DE ÚTERO: CONHECIMENTOS DAS MULHERES E PRÁTICAS DOS ENFERMEIROS NA ATENÇÃO PRIMÁRIA A SAÚDE

Saúde

Larissa Borgert Fuchter¹; Débora Felipe Brolese²; Angelita Campos Custodio Pedroso³; Janifer Monteiro Cardoso⁴; Talia Martins Carboni⁵; Maysa Laipelt Radovinski⁶

¹ Unibave. larissa_bn@hotmail.com

² Unibave. deb.fbr@hotmail.com

³ Unibave. angelitacampos28.12@gmail.com

⁴ Unibave. janifermonteiroc@gmail.com

⁵ Unibave. taliamcarboni@gmail.com

⁶ Unibave. maysa321laipelt@gmail.com

Resumo: O HPV é a causa principal de desenvolvimento de cânceres do sistema reprodutor feminino, tendo o enfermeiro, papel importante na detecção precoce e prevenção dessa patologia. O objetivo geral é descrever o conhecimento e atitudes das mulheres e as atribuições do enfermeiro na prevenção à infecção pelo HPV e ao câncer de colo de útero na Atenção Primária a Saúde. Pesquisa qualitativa, aplicada a 09 enfermeiros e 18 mulheres das Estratégias de Saúde da Família de um Município, localizado no Sul de Santa Catarina. Os resultados demonstraram que o conhecimento das mulheres acerca do HPV e o CCU está comprometido devido a estigmas culturais que limitam o autocuidado, sendo necessário organizar a assistência preventiva, criar método eficaz na abordagem da população feminina e desenvolver estratégias que superem dificuldades existentes, no intuito de diminuir a prevalência dessas patologias, fazendo do enfermeiro, um ser mais educativo e não puramente técnico.

Palavras-chave: papilomavírus humano; prevenção de doenças; saúde da mulher; neoplasias do colo do útero; atenção primária a saúde.

Introdução:

O câncer do colo do útero, também conhecido como câncer cervical, é causado principalmente pela infecção persistente pelo vírus do papiloma humano (HPV). O HPV é uma infecção sexualmente transmissível e certas cepas do vírus podem levar a alterações celulares que podem se transformar em câncer ao longo do tempo (Brasil, 2022b).

O câncer do colo de útero é uma neoplasia com alta incidência, fácil de diagnosticar e altamente curável se identificado precocemente, sendo a terceira principal causa de morte entre as mulheres, devido aos diagnósticos tardios provocados pela falta de realização ou atraso na realização do exame citopatológico do colo de útero (Brasil, 2022a). No Brasil, a taxa de mortalidade por câncer do colo do útero, ajustada pela população mundial foi de 4,51 óbitos/100 mil mulheres, em 2021 (Brasil, 2022c).

A presença do vírus e de lesões pré-cancerosas são identificadas no exame citopatológico (conhecido também como Papanicolau), popularmente chamado de exame preventivo, e são curáveis na quase totalidade dos casos. Por isso, é importante a realização periódica do exame. As vacinas contra o HPV são também muito importantes para prevenir infecções por este vírus e, portanto, prevenir o desenvolvimento deste câncer (Nazaré *et al.*, 2020).

No Brasil, excluídos os tumores de pele não melanoma, o câncer do colo do útero é o terceiro tipo de câncer mais incidente entre as mulheres e para cada ano do triênio 2023-2025 foram estimados 17.010 casos novos, o que representa uma taxa bruta de incidência de 15,38 casos a cada 100 mil mulheres (Brasil, 2022c).

O rastreamento de lesões pré-cancerosas em mulheres, seguido de tratamento, é uma estratégia eficaz e acessível para prevenir o câncer de colo de útero. Além disso, a vacinação contra o papiloma vírus humano (HPV) desempenha um papel fundamental na redução do risco desse tipo de câncer (Brasil, 2022b).

É recomendado vacinar meninas de 9 a 14 anos, pois nessa faixa etária a vacina é mais eficaz, dessa maneira, aliando a vacinação contra o HPV junto com rastreamento e o tratamento de lesões precoces, é possível reduzir significativamente as taxas de mortalidade da doença e prevenir novos casos (Opas, 2020).

O Ministério da Saúde recomenda o exame citopatológico em mulheres assintomáticas com idade entre 25 e 64 anos, a cada três anos, após dois exames

anuais consecutivos normais, tais recomendações têm como objetivo assegurar um equilíbrio positivo entre os riscos e os benefícios do rastreamento (Brasil, 2021).

O prognóstico da doença é melhorado de acordo com o diagnóstico precoce, ou seja, quanto mais cedo à doença é descoberta, maior a chance de cura e, conseqüentemente, da qualidade de vida, no entanto, há muitas mulheres que não realizam o exame preventivo por diversos motivos, dentre os quais destacam-se: a falta de conhecimento das mesmas sobre como é realizado o exame, sobre a sua importância para a saúde da mulher, bem como por questões religiosas e/ou culturais, preconceito e vergonha da exposição ao corpo (Carneiro *et al.*, 2022).

Sendo assim, o enfermeiro desempenha um papel fundamental na realização de ações de promoção na atenção primária à saúde para o controle e detecção precoce do CCU, oferecendo serviços de triagem, vacinação e consultas de enfermagem qualificadas voltadas a humanização da assistência nas práticas de saúde no Sistema Único de Saúde (SUS) (Vieira *et al.*, 2022).

Dessa forma, estabelece-se a seguinte questão de pesquisa: Qual o conhecimento das mulheres e o papel do enfermeiro na prevenção à infecção pelo HPV e ao câncer de colo de útero na Atenção Primária a Saúde?

O objetivo geral é descrever o conhecimento e atitudes das mulheres e as atribuições do enfermeiro na prevenção à infecção pelo HPV e ao câncer de colo de útero na Atenção Primária a Saúde e como específicos, investigar o conhecimento dos enfermeiros sobre o HPV e sua relação com o câncer de colo de útero, detalhar as práticas dos enfermeiros na detecção precoce do HPV e na promoção de medidas preventivas contra o câncer de colo de útero, descrever o grau de conhecimento das mulheres sobre HPV e câncer de colo do útero, bem como a forma de prevenção e identificar a periodicidade com a qual as mulheres realizam o exame ginecológico, as motivações e os fatores que dificultam a sua realização no período preconizado pelo Ministério da Saúde.

O exame citopatológico ou preventivo, popularmente, conhecido, é um dos procedimentos mais simples na prática clínica e pode ser realizado nas unidades básicas de saúde, consideradas porta de entrada para a assistência e o primeiro ponto de contato do paciente com o SUS, sendo através desse exame, possível detectar precocemente as lesões precursoras do câncer cervical causadas pelo HPV, que se descobertas em estágios iniciais, possibilita o tratamento adequado antes que evoluam para casos mais graves (Brasil, 2022b).

A resolução COFEN 381/2011, normatiza a execução pelo enfermeiro da coleta de material para colpocitopatologia oncológica pelo método de Papanicolau, no qual o profissional habilitado seja através da consulta de enfermagem, quanto através da coleta de material para colpocitologia oncológica, está apto a identificar lesões condilomatosas (Cofen, 2011).

Diante dessa problemática, se faz necessário compreender e investigar os métodos utilizados para detecção precoce do HPV e consequentemente a prevenção do câncer de colo de útero, orientando-se pelo trabalho dos profissionais de saúde e comportamentos e atitudes das mulheres que buscam o serviço para o cuidado em saúde.

Procedimentos Metodológicos

Trata-se de uma pesquisa exploratória, descritiva e de abordagem qualitativa. O estudo foi realizado com mulheres e enfermeiros nas Estratégias de Saúde da Família (ESF) pertencentes a um Município, localizado no Sul de Santa Catarina. Ao total são onze ESF's, sendo composta por 13 enfermeiros.

A coleta de dados ocorreu ao final do mês de agosto de 2024, em um período de 30 dias. Participaram do estudo 09 enfermeiros, onde 02 estavam de licença e 02 não puderam participar por estarem há menos de três meses atuando na unidade, e 18 mulheres de acordo com a saturação teórica dos dados. Para a coleta dos dados foi realizado no primeiro momento um contato com os enfermeiros e posteriormente, com as mulheres que buscavam atendimento na unidade nos dias que seriam aplicadas as entrevistas, explicando o funcionamento e os objetivos da pesquisa. Após o aceite final, os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido em duas vias, e após foram constituídos dois Grupos Amostrais (GA). Para garantir o anonimato, os enfermeiros foram identificados pela letra "E" e as mulheres foram identificadas pela letra "P", conforme códigos numéricos.

Foram inclusos os enfermeiros da Estratégia de Saúde da Família que trabalham na unidade por um período de no mínimo três meses por se considerar o tempo de ambientalização e que aceitaram participar da pesquisa. Para a inclusão das mulheres, foram consideradas aquelas com idade maior ou igual a 18 anos, com capacidade para ler e escrever, que moram no Município há pelo menos um ano e que aceitaram participar da pesquisa.

Os dados foram coletados por meio de entrevista individual com perguntas abertas, as quais foram gravadas e transcritas na íntegra. Nas entrevistas foram exploradas as dimensões que envolviam os dados sociodemográficos, bem como idade, estado civil, raça/cor, nível de escolaridade e renda. Ainda, os dados qualitativos foram analisados através da análise de conteúdo proposta por Bardin.

Nesse estudo observou-se o “Princípio de Saturação”, que ocorre quando não há um fato novo encontrado e o acréscimo de novas informações deixa de ser necessário.

O processo analítico dos dados foi realizado no software NVIVO®11, permitindo uma organização dos dados coletados e facilitando a análise. Das falas, emergiram códigos, e ao final do processo de análise emergiram 3 categorias: conhecimento das mulheres sobre HPV e CCU; possibilidades e limitações acerca do autocuidado e ações e estratégias adotadas pelos enfermeiros na prática assistencial.

O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da instituição de referência (Processo nº: 7.007.104 e CAAE: 81622924.2.0000.5598) e os participantes do estudo assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido.

Resultados e Discussão

Participaram dessa pesquisa, 09 enfermeiros e 18 mulheres e a análise dos dados convergiu para a formação de 3 categorias temáticas, as quais expressam:

Conhecimento das mulheres sobre HPV e CCU

Como resultado preliminar foi possível evidenciar nas falas das entrevistadas da unidade de saúde em estudo, o mínimo de conhecimento adequado pela população feminina a respeito da relação e sintomatologia do HPV e Câncer de Colo de Útero, apenas uma participante descreveu de forma satisfatória a patologia, ademais, demonstraram preocupação quanto à gravidade, como nos depoimentos a seguir:

“Não sei muita coisa, só sei que tem que fazer o preventivo para a prevenção” (P6).

“Não sei dizer sobre o câncer, mas sei que assim como todo câncer precisa descobrir cedo para tratar o quanto antes e melhorar as chances de cura” (P10).

“Que é uma ferida que vai aumentando, não sei muito mais que isso” (P11).

“Que o principal motivo do câncer de colo de útero é o HPV e é o câncer que mais mata mulheres ainda no Brasil” (P12).

Esse resultado corrobora com dados de um estudo realizado com mulheres pertencentes a uma unidade de saúde do Rio Grande do Sul, evidenciando que o conhecimento acerca dessas patologias ainda é fragilizado, o que pode ser resultado de diferentes fatores, inclusive, a falta dessa abordagem no atendimento da Enfermagem (Zanetti *et al.*, 2024).

Para transformar esse cenário, é preciso compreender o grau de conhecimento, prática e atitude dos profissionais que trabalham na Atenção Primária à Saúde em relação às ações de controle do câncer de colo de útero que podem ajudar a diagnosticar a situação atual e planejar iniciativas de educação continuada (Ferreira *et al.*, 2022).

O conhecimento sobre a forma de transmissão do vírus HPV entre as entrevistadas foi satisfatório, no entanto pouco se mencionou sobre a utilização de contraceptivos de barreira, como por exemplo, os preservativos, durante as relações sexuais. Quando questionadas sobre a prevenção do HPV e CCU, apenas uma participante mencionou sobre a vacinação do HPV, em contrapartida, surgiram nas falas das mulheres à realização do exame citopatológico, bem como sua periodicidade e importância, como se pode constatar nas falas a seguir.

“Faço preventivo todo ano pela prevenção, porque se tiver algo o quanto antes for descoberto melhor” (P1).

“Sim, pela relação sexual. Até mesmo sem penetração, pela mucosa já transmite” (P5).

“Graças ao preventivo que descobri a lesão causada pelo HPV e fiz o tratamento” (P14).

“Acho muito importante para prevenção, pois de um ano pro outro o nosso corpo muda e podemos adquirir doenças.” (P16).

Estudo realizado com mulheres acima de 18 anos, corrobora com dados dessa pesquisa, evidenciando que mais da metade das mulheres entrevistadas conhecem e realizam o exame citopatológico como forma de prevenção do HPV e consequentemente do CCU (Maia; Silva L.; Silva A., 2024).

Outro estudo realizado com mulheres acerca da prevenção do CCU mostra que estas detêm conhecimento insuficiente, uma vez que não se menciona o uso de preservativos como meio importante para prevenção do HPV e consequentemente do

CCU, dessa forma, reforça-se a necessidade e responsabilidade dos enfermeiros da atenção primária em realizar ações de educação no Município em questão com o intuito de fortalecer o conhecimento da população bem como incentivar o uso de preservativos em todas as relações sexuais (Jacinto *et al.*, 2024).

Estudos realizados também apontam a desinformação quanto à vacinação do HPV, um desafio a ser enfrentado pela equipe de saúde, uma vez que esses profissionais podem contribuir significativamente para a redução da incidência e mortalidade do câncer do colo do útero (Araújo *et al.*, 2024).

Limitações relacionadas ao autocuidado

Nesse sentido, nas falas das entrevistadas, há de se considerar que a maior parte das mulheres relatou que receberam informações supérfluas ou não receberam nenhuma orientação do profissional enfermeiro, quanto aos fatores que envolvem tais patologias, resultado preocupante, uma vez que os enfermeiros, além da assistência, devem ser educadores em saúde.

“Só a agente comunitária que pediu para levar a minha filha para se vacinar contra o HPV, mas eu não sabia que já fazia assim nova com 9 anos” (P2).

“Não sei explicar, não tenho muita informação” (P4).

“Só na Rede Feminina, ela orienta sobre o exame preventivo, a repetir todo ano, métodos contraceptivos. No postinho não” (P16).

Arelado a isso, nas falas dos enfermeiros, há uma fragilidade quanto às ações de educação em saúde, uma vez que são realizadas apenas nas consultas de enfermagem durante a realização do exame preventivo ou em campanhas nos meses alusivos, sendo que a educação deve ser continuada e realizada diariamente, bem como, envolver o trabalho de uma equipe multidisciplinar.

“Sim, realizo intervenções só durante as consultas do preventivo” (E1).

“Não realizo, somente em campanhas ou datas alusivas” (E7).

A enfermagem desempenha um papel essencial na prevenção, tal atuação inclui conscientizar a população sobre práticas de sexo seguro, com o uso de preservativos, além de promover mudanças de comportamentos sexuais entre

adolescentes e jovens, e captação precoce dos casos suspeitos de HPV. Quando as atribuições de enfermagem são bem planejadas e executadas, contribuem para a redução, direta e indireta, dos riscos de desenvolvimento do câncer de colo de útero (Silva *et al.*, 2021).

Nas falas dos enfermeiros, acerca da realização do exame citopatológico, foi possível observar entraves para a prática do autocuidado pelas mulheres. Sentimentos como vergonha, medo, desconfortos e constrangimentos durante o procedimento, foram citados nas entrevistas, os quais são construídos culturalmente e se constituem como barreiras para a saúde da mulher.

“Muitas meninas/mulheres possuem medos relacionados à questão da dor e desconforto, principalmente as que nunca fizeram” (E1).

“Por ser homem, vejo uma resistência maior das mulheres em realizar o exame comigo” (E7).

“Depende muito da mulher, mas sim, ainda vejo que algumas mulheres possuem resistência para fazer o exame, porque tem vergonha, ou medo” (E9).

A recusa em realizar o exame citopatológico está relacionada a fatores como vergonha, desconforto, ansiedade, constrangimento e medo. Sentimento de vergonha, em especial, é frequentemente mencionado na literatura, pois o exame envolve um procedimento invasivo, que expõe o corpo e a intimidade, podendo despertar sentimentos negativos. A sensação de perda da autonomia e de vulnerabilidade durante o exame, somada a fatores como tabus e timidez, tende a intensificar essas emoções, o que pode aumentar o desconforto e até provocar dor durante o procedimento, além disso, grande parte das mulheres tem ideias pré-concebidas sobre o procedimento, frequentemente baseadas em experiências negativas relatadas por outras mulheres (Silva *et al.*, 2021).

O vínculo com o profissional é capaz de amenizar essas sensações e normalmente esses sentimentos mencionados surgem quando se referem aos profissionais com quem a paciente não se encontra familiarizada, ou do sexo oposto. Sendo assim, a presença ativa dos profissionais de saúde na comunidade é de extrema importância para fortalecer o vínculo com as pacientes e facilitar uma abordagem mais eficaz para transformar a realidade atual, reduzindo os índices de

morbimortalidade feminina por doenças nas quais podem ser prevenidas (Souza; Costa, 2021).

Ainda, observou-se nas falas dos enfermeiros, deficiência em recursos e apoio para ações efetivas de promoção da saúde, como a falta de capacitações regulares sobre HPV e CCU, ausência de materiais educativos atualizados para distribuição, escassez de programas de acompanhamento para mulheres diagnosticadas com HPV e falta de campanhas que incentivem a adesão regular ao citopatológico, além das demais práticas preventivas na atenção primária. Por outro lado, apenas dois enfermeiros relataram que buscam o conhecimento, através do Conselho Regional de Enfermagem (COREN) e pelo programa telemedicina.

“Sim, recebi capacitação através da telemedicina e pelo Coren” (E2).

“Noto uma adesão baixa ao exame devido ao horário da unidade, que geralmente é o horário em que muitas estão trabalhando” (E3).

“Percebo que falta comprometimento da parte delas, pois atendo demanda livre e porta aberta, é só vir fazer o exame” (E4).

“Não, não tive nenhuma capacitação específica para esse tema” (E5).

Estudo realizado com enfermeiros corrobora com dados dessa pesquisa, uma vez que enfrentam desafios em relação à insuficiência de capacitações, já que o conhecimento garante aos enfermeiros habilidades na execução e interpretação do rastreamento, garantindo a qualidade da assistência (Santos, J.; Santos, M.; Vigario, 2024).

Há de se considerar que existem desafios quanto à prática preventiva, relacionada à adesão das mulheres quanto aos exames preventivos, justificando-se pela falta de comprometimento das mesmas sobre sua saúde, uma vez que os serviços são oferecidos pela unidade de saúde de forma gratuita, preconizados na Política Nacional de Atenção Básica e pelo Ministério da Saúde (Matos *et al.*, 2024).

Possibilidades, ações e estratégias adotadas pelos enfermeiros na prática assistencial

Os enfermeiros trazem em suas falas, a caracterização das estratégias adotadas para a detecção precoce do HPV e prevenção do CCU conforme a realidade de cada ESF e o perfil das mulheres nelas inseridas. Nessas práticas, os enfermeiros

demonstram flexibilidade e proatividade ao adaptar os horários de atendimentos, promovem a orientação sobre exames preventivos e métodos contraceptivos, realizam atividades de educação sexual em escolas. Além disso, realizam busca ativa e utilizam materiais informativos para disseminar orientações, incluindo o uso de ferramentas digitais para alcance ampliado, através do trabalho das Agentes Comunitárias de Saúde (ACS), conforme visto nas falas a seguir.

“Quando a Secretária de Saúde nos autoriza, realizamos horário estendido a noite para que as mulheres que trabalham venham realizar o exame, pois muitas não fazem a prevenção devido ao horário da unidade que choca com o horário de trabalho” (E5).

“Procuró sempre orientar quanto os exames, métodos contraceptivos, questões hormonais. Nos colégios através do Programa Saúde na Escola, fazemos ações de educação sexual para a faixa etária pertinente” (E6).

“Geralmente cada mês tem um tema na área da saúde em questão de prevenção, eu procuro fazer algum tipo de material informativo e peço para as agentes comunitárias de saúde entregarem ou enviarem as pacientes pelo WhatsApp (E9).

As ações de educação em saúde são uma das estratégias adotadas pelo Ministério da Saúde para a prevenção e controle do câncer do colo do útero. Por isso, é essencial que os enfermeiros estejam preparados para atuar de acordo com essa abordagem. Nesse sentido, métodos de aprendizagem ativos devem ser incorporados para apoiar as mulheres na realização das mudanças necessárias para melhorar sua qualidade de vida (Dias *et al.*, 2021).

Para incentivar a adesão das mulheres ao exame, é essencial implementar estratégias comportamentais e cognitivas que enfatizem a importância do procedimento e assegurem que ele não seja esquecido (Maia *et al.*, 2020).

Outro instrumento importante é a consulta de enfermagem, considerada espaço privilegiado de escuta, de atenção, de promoção da saúde para além do tratamento de doenças, sendo uma forma de tornar a mulher protagonista da sua vida, do seu cuidado. Nas falas dos enfermeiros é possível identificar um atendimento humanizado através da avaliação sistemática e construção de vínculos.

“Realizo o método SOAP (subjetivo, objetivo, avaliação e plano), abordo e oriento sobre higiene íntima, métodos contraceptivos, uso de

preservativos, prevenção com exames como preventivo e mamografia, enfim...” (E1).

“Procuro sempre ouvir a paciente como um todo, no aspecto físico e emocional, e oriento quanto à prevenção de doenças” (E3).

“[...] gosto de conversar, deixar a mulher bem à vontade para falar sobre suas dúvidas, queixas e procuro sempre orientar quanto à prevenção, uso de camisinha, métodos contraceptivos” (E9).

A consulta de enfermagem na Atenção Primária à Saúde (APS) é essencial para identificar as necessidades e características individuais dos usuários, sendo uma prática efetiva de cuidado. Ela permite aos enfermeiros desenvolver atividades educativas, fortalecer vínculos, conhecer o contexto do paciente e lidar com desafios e soluções. Apesar de haver resistência e insegurança por parte de alguns usuários, a consulta é geralmente bem aceita, reconhecida por seu caráter educativo que promove a autonomia e melhora a qualidade de vida. Portanto, é fundamental que os enfermeiros estejam atualizados, capacitados e embasados teoricamente para realizar esses atendimentos transpassando assim, segurança e credibilidade nos atendimentos realizados (Machado; Andres, 2021).

Apesar das barreiras encontradas pelos profissionais durante a assistência à saúde da mulher, ao que diz respeito ao HPV e CCU, os enfermeiros conseguem atuar de forma satisfatória, seguindo protocolos e fluxos de atendimento, encaminhando as mulheres de forma adequada, ágil e resolutiva.

“Utilizo o protocolo do Ministério da Saúde e do COREN, o protocolo rosa” (E2).

“Eu utilizo o protocolo do Coren e do Ministério da Saúde [...] encaminho a paciente para o ginecologista ou para a Rede Feminina onde irá realizar o exame de colposcopia, mas antes acolho e explico para a paciente o motivo de precisar realizar esse exame e qual a sua finalidade, para que ela não chegue lá sem saber o que vai fazer” (E4).

“Já tivemos alguns casos. Em casos pequenos tratamos aqui na unidade mesmo. Eu, juntamente com o médico, realizamos o tratamento para as verrugas causadas pelo HPV com o ácido tricloroacético 90%. Em outros casos é encaminhado para a ginecologia da rede municipal ou para a rede feminina” (E6).

Os protocolos de enfermagem são ferramentas fundamentais para normatizar e expandir a prática clínica dos enfermeiros em diferentes pontos da rede de atenção, reunindo múltiplos documentos e recomendações baseadas em evidências em um

formato abrangente e objetivo. Para que os municípios possam acessar esses protocolos, é necessário aderir ao Programa dos Protocolos de Enfermagem do Coren/SC, por meio do preenchimento de um formulário de solicitação disponível no site do conselho. Os municípios têm a possibilidade de adotar os protocolos de maneira integral ou selecionar volumes específicos conforme suas necessidades e acordos com o Coren/SC. Após a adesão, será concedido o acesso aos e-books contendo os volumes de interesse (Coren, 2022).

Considerações Finais

Esse estudo evidenciou que o conhecimento das mulheres sobre o HPV e o câncer do colo do útero (CCU) é limitado e, em geral, fragmentado, concentrando-se na única e exclusiva necessidade de realizar exames preventivos do que em uma compreensão ampla sobre o vírus, a patologia e sua prevenção. Embora as participantes demonstrem consciência da gravidade da doença e da importância do exame citopatológico, há lacunas no entendimento sobre a transmissão do HPV, vacinação e a utilização de preservativos como método preventivo. Esses dados reforçam a necessidade de intervenções educativas mais completas e frequentes na atenção primária à saúde, com o intuito de ampliar o conhecimento das mulheres acerca do HPV, do CCU e, sobretudo, incentivar o autocuidado.

Frisa-se que a vacinação contra o HPV, não foi mencionada em nenhuma oportunidade pelos enfermeiros, talvez, a vacinação para mulheres mais jovens ainda não esteja suficientemente incorporada à ideia de prevenção do CCU na percepção dos profissionais, sendo reflexo de uma política relativamente recente do Ministério da Saúde, que por muitos anos privilegiou a prevenção do CCU em mulheres em idade reprodutiva, sexualmente ativas e a prevenção atrelada ao preventivo do CCU.

As entrevistas com os enfermeiros revelaram barreiras significativas para a realização do autocuidado, especialmente em relação ao constrangimento, vergonha e desconforto enfrentados pelas mulheres acerca do exame citopatológico. Esses fatores apontam para a necessidade de estratégias mais humanizadas e adaptadas ao contexto cultural e individual das mulheres, além disso, o vínculo e a confiança entre profissional e mulher, podem minimizar esses sentimentos e aumentar a adesão ao exame. Ainda, a pesquisa aponta que os enfermeiros possuem pleno conhecimento das atividades de sua competência, entretanto, não as realizam de

forma satisfatória, uma vez que há deficiência de estratégias educativas mais abrangentes, voltadas à promoção da saúde da mulher.

Dessa forma, conclui-se que é imprescindível um esforço conjunto entre as equipes de saúde, as políticas públicas e a comunidade para promover um cuidado preventivo que realmente atenda às necessidades das mulheres, reduzindo a incidência do HPV e consequentemente do câncer do colo de útero.

Referências

ARAUJO, A.V.A. *et al.* **A atuação dos profissionais da saúde na promoção do conhecimento de mulheres sobre o HPV e sua relação com o câncer do colo do útero.** In: SEVEN INTERNATIONAL MEDICAL AND NURSING CONGRESS. III., 2024, São Paulo. (Anais) [...] São Paulo: Seven, 2024. p. 1-3. Disponível em: <https://sevenpublicacoes.com.br/anais7/article/view/5400/9918>. Acesso em: 08 nov. 2024.

BRASIL. **Câncer do Colo do Útero, Instituto Nacional do Câncer INCA.** Brasília – DF: MAPA, 2022a. Disponível em: <https://www.gov.br/inca/pt-br/assuntos/cancer/tipos/colo-do-utero>. Acesso em: 25 mar. 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Exames citopatológicos do colo do útero realizados no SUS.** Brasília – DF, 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/inca/pt-br/assuntos/gestor-e-profissional-de-saude/controlado-cancer-do-colo-do-utero/dados-e-numeros/exames-citopatologicos-do-colo-do-utero-realizados-no-sus#:~:text=O%20exame%20citopatol%C3%B3gico%20%C3%A9%20o,riscos%20e%20benef%C3%ADcios%20do%20rastreamento>. Acesso em: 29 jun. 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. **HPV.** Brasília – DF, 2022b. Disponível em: <https://www.gov.br/inca/pt-br/aceso-a-informacao/perguntas-frequentes/hpv>. Acesso em: 29 jun. 2024.

BRASIL. **Incidência do Câncer no Brasil, Instituto Nacional do Câncer.** Rio de Janeiro: INCA, 2022c. Disponível em: <https://www.gov.br/inca/ptbr/assuntos/cancer/numeros/estimativa> Acesso em: 25 mar. 2024.

CARNEIRO, C.P.F. *et al.* Atuação do enfermeiro na detecção precoce do câncer de colo uterino: revisão integrativa. **Revista Nursing**, v 25, n. 285. 2022. Disponível em: <https://revistanursing.com.br/index.php/revistanursing/article/view/2275/2797>. Acesso em: 24 mar. 2024.

COREN. **Protocolos de Enfermagem Coren/SC**, 2022b. Disponível em: <https://www.corensc.gov.br/protocolos-de-enfermagem-2/#:~:text=Os%20protocolos%20de%20enfermagem%20se,uma%20ferramenta%20ampla%20e%20concisa>. Acesso em: 15 nov. 2024.

COFEN - **Resolução COFEN nº 381/2011: Normatiza a execução, pelo Enfermeiro, da coleta de material para colpocitologia oncótica pelo método de Papanicolau.** Brasília, 2011. Disponível em: <https://www.cofen.gov.br/resoluco-cofen-n-3812011/>. Acesso em 27 jun. 2024.

DIAS, E.G. *et al.* Atuação do enfermeiro na prevenção do câncer do colo de útero em Unidades de Saúde. **J. Health BiolSci**, v.9, n.1, 2021. Disponível em: <https://docs.bvsalud.org/biblioref/2022/03/1352414/3472.pdf>. Acesso em: 22 out. 2024.

FERREIRA, M. C. M. *et al.* Detecção precoce e prevenção do câncer do colo do útero: conhecimentos, atitudes e práticas de profissionais da ESF. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 27, n.6, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/Z3tXcyhpMP6MLcJzTCmq9bn/?lang=pt#>. Acesso em: 18 out. 2024.

JACINTO, D.R. *et al.* Avaliação do conhecimento das mulheres sobre o câncer do colo do útero e aplicabilidade do instrumento digital. *Revista Pró-univerSUS*, v.15, n.2. p 96-103. mai/jun/jul. 2024. Disponível em: [http nov.s://editora.univassouras.edu.br/index.php/RPU/article/view/3873/2405](http://nov.s://editora.univassouras.edu.br/index.php/RPU/article/view/3873/2405). Acesso em: 08 nov. 2024.

MACHADO L.B.; ANDRES, S.C. A consulta de enfermagem no contexto da Atenção Primária em Saúde: Relato de experiência. **Research, Society andDevelopment**, v. 10, n. 1, e27510111708, 2021. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/download/11708/10508/155323>. Acesso em: 12 nov. 2024.

MAIA, C.J.; SILVA, L.E.; SILVA, A.R.A. *et al.* Conhecimento de mulheres sobre o HPV e sua relação com o câncer do colo do útero. **RevFacCiêncMéd**, v.26, n. fluxo continuo, :e646732024. 2024. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/RFCMS/article/view/64673>. Acesso em: 05 nov. 2024.

MAIA, T.S.C. *et al.* A Enfermagem frente ao câncer do colo de útero. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 12, 2020. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/download/10877/9698/146352>. Acesso em: 31 out. 2024.

MATOS, A.C.V.N. *et al.* DESAFIOS NA ADESAO AO EXAME COLPOCITOLÓGICO: REFLEXÕES A PARTIR DE EXPERIÊNCIAS NA SAÚDE DA MULHER. **Anais da Mostra Científica do Programa de Interação Comunitária do Curso de Medicina, [S. l.]**, v. 6, 2024. Disponível em: <https://www.periodicos.univag.com.br/index.php/picmed/article/view/2654>. Acesso em: 09 nov. 2024.

NAZARÉ, G.D.C.B. *et al.* A importância da busca ativa do enfermeiro na atenção primária para prevenção do câncer de colo uterino. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, n. 39, p. e2066-e2066. 2020. Disponível em: <https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/2066>. Acesso em: 28 jun. 2024.

OPAS – Organização Pan-Americana da Saúde. **HPV e câncer do colo do útero**. Brasília – DF: OPAS, 2020. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/topicos/hpv-e-cancer-do-colo-do-utero>. Acesso em: 24 mar. 2024.

SANTOS, J.S.B; SANTOS, M.V; VIGARIO, P.S. RASTREAMENTO DO CÂNCER DE COLO DO ÚTERO: PERSPECTIVA DOS ENFERMEIROS NA ATENÇÃO PRIMÁRIA À SAÚDE. **Revista Enfermagem Atual In Derme**, [S. l.], v. 99, n. 4, 2024. DOI: 10.31011/reaid-2024-v.99-n.4-art.2356. Disponível em: <https://www.revistaenfermagematual.com/index.php/revista/article/view/2356>. Acesso em: 09 nov. 2024.

SILVA, J.S. *et al.* A Importância Da Enfermagem No Combate Ao HPV E Prevenção Do Câncer De Colo Do Útero. **Revista Eletrônica da Estácio Recife**, v.6, n.2, mar. 2021. Disponível em: <https://reer.emnuvens.com.br/reer/article/download/538/244>. Acesso em: 22 out. 2024.

SOUZA, D.A., COSTA, M.O. O papel do enfermeiro na prevenção do câncer no colo de útero. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 13, 2021. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/download/21040/18750>. Acesso em: 23 out. 2024.

VIEIRA, E. A. *et al.* Atuação do enfermeiro na detecção precoce do câncer de colo uterino: revisão integrativa. **Revista Nursing**, São Paulo, v. 25, n. 285, p. 7272-7281, 2022. Disponível em: <https://recima21.com.br/index.php/recima21/article/view/2476/1916>. Acesso em: 27 jun. 2024.

ZANETTI, P.R. *et al.* Conhecimento das mulheres sobre HPV e câncer de colo de útero após consulta de enfermagem. **Revista Saúde em Redes**, v.10, n.2, p. 4200. Mai/jun. 2024. Disponível em: <http://revista.redeunida.org.br/ojs/index.php/rede-unida/article/view/4200/1406>. Acesso em: 05 nov. 2024.